



Dez/2007
Jan/2008

www.beckhauser.com.br



INFORMATIVO DE ASSISTÊNCIA AO CONSUMIDOR

Av. Dep. Heitor A. Furtado, 2985, CEP 87711-000, Paranavaí - PR



Ano 6 Nº 35

tronco@beckhauser.com.br

DIVERSIFICAÇÃO E QUALIDADE

Sistema de classificação é exigência para melhores negócios

Comemora-se o Brasil ser o maior exportador mundial de carne bovina, mas quase sempre se esquece de como o país chegou lá: quebra nas produções australiana e argentina e preço baixo. Não dá para ignorar o fato de que a carne brasileira chega a cerca de 140 países porque é barata e porque ganhou espaço com os problemas de produção que atingiram os concorrentes nos últimos anos.

Para manter alto o nível de exportação e melhorar o lucro com o ganho de novos e mais exigentes mercados, um mínimo de investimento precisa ser feito. “Os exportadores terão que começar a se preocupar em divulgar o produto brasileiro se quiserem aumentar ou até mesmo manter o atual volume exportado, principalmente com a retomada das exportações de concorrentes como a Austrália e a Argentina”, afirma o pesquisador da USP (Universidade de São Paulo) Albino Luchiari Filho, no artigo “Produção de carne bovina no Brasil – qualidade, quantidade ou ambas?”.

O pesquisador faz um alerta: se as fazendas apenas mudarem a forma de produção para atingir o padrão comumente associado à carne de qualidade, com um certo grau de marmoreio e gordura, corre-se o risco do custo aumentar, reduzindo a competitividade e o mercado do produto.

“Existem nichos de mercado para a carne magra, produzida exclusivamente a pasto. É possível agregar valor a esta carne para mercados que discor-



www.sxc.br / André Montéjorge

Novos padrões de carne podem ampliar mercado consumidor

dam do sistema de produção confinado”, diz Luchiari. “Entretanto, existem inúmeros mercados para carne de alto valor agregado pra os quais precisaríamos produzir com mais acabamento”, completa o pesquisador, para concluir: “Devemos ter em mente que há uma grande variabilidade nos mercados importadores e o Brasil deve procurar ser o líder em todos eles, seja carne com maior grau de acabamento, seja carne magra, seja até mesmo carne orgânica”.

Em outras palavras, o pesquisador afirma que temos espaço e condições de agradar a vários tipos de mercado. Para chegar lá, no entanto, é imprescindível que se tenha um sistema de classificação de carcaças. A ausência dele dificulta a divulgação dos produtos diferenciados, fazendo o mercado crer que a carne brasileira é uma só.

Segundo Luchiari, a falta de critérios sobre como separar o produto impede o fazendeiro de produzir de acordo com a demanda de um mercado consumidor específico. Por causa disso, o Brasil

não consegue separar a qualidade da quantidade na hora de exportar.

Um exemplo de sistema de classificação é o usado pela ONU. Ele considera informações desde a origem da produção, passando pelo sistema de abate e pós-abate, entre outros. “Na questão de acabamento de gordura, enquanto todos os sistemas reconhecem um limite mínimo de gordura, esse sistema já fala em espessura máxima, o que mostra que o mesmo está em consonância com as demandas do consumidor moderno”, diz o pesquisador.

O acabamento de gordura é um excelente exemplo de como um sistema moderno de classificação pode ajudar o Brasil a ganhar novos mercados. Além de atestar as boas práticas de produção, um sistema moderno seria capaz de provar que a carne que o consumidor está comprando atende diretamente as suas exigências.

Essas soluções devem ser cobradas e implementadas por produtores e pelos demais integrantes da cadeia da carne. Não dá para esperar que outros digam como criar. O produtor tem condições de desenvolver sua pecuária sem depender de agentes externos.

Espaço para diversificação da produção existe. Mas ainda é preciso investimentos em um sistema eficaz de apresentação do produto, sem perder de vista a divulgação das possibilidades da carne brasileira. Afinal, de nada adianta criar um produto diferenciado se ninguém souber que ele existe.

EDITORIAL

Fechar as contas e contabilizar os resultados positivos do ano é bom em qualquer negócio. Firmar-se na atividade e sentir um futuro promissor é anseio de todo empreendedor.

O desafio da atividade pecuária de corte, onde está o alvo da Beckhauser, é muito maior. Além de produzir animais com padrão superior o ano inteiro, o pecuarista tem que ter práticas de gestão, controle e manejo – principalmente sanitário – nunca vistas antes em uma atividade que, há alguns anos, era quase exclusivamente extrativista. É preciso ser cada vez mais profissional e manter uma equipe coesa para ter produtos à altura do que pede o mercado.

Ajustar-se às regras e normativas constantes, e ainda implementar novas práticas de criação, exige passar por duas condições que são pilares para o avanço. Uma é a atitude do dono do negócio em liderar as melhorias da produção. Sem o envolvimento do dirigente, as mudanças não passarão de boas e frustradas intenções. A outra condicionante está ligada à capacidade de buscar e filtrar as informações para pôr em prática as medidas que farão a diferença.

É valioso saber aproveitar e transformar em melhorias as ofertas de serviços do meio acadêmico e de fornecedores de insumos e equipamentos.

Em 2007, a Beckhauser foi procurada para tratar de manejo racional o ano todo e estivemos junto às mais respeitadas instituições voltadas para produção e melhoria da cadeia da carne. Depois de ir a dezenas de fazendas e eventos, vimos que fizemos a dife-

rença para muitos ao levar conceitos de manejo racional e uso inteligente dos equipamentos disponíveis para o curral.

Nos sentimos premiados por participar, a convite da ONG WSPA (Sociedade Mundial para a Proteção dos Animais), do Workshop de Bem Estar Animal promovido pela Braslo (do Grupo OSI, que abastece a rede McDonald's e é responsável pela aprovação dos frigoríficos fornecedores), em dezembro, em São Paulo (SP), onde pudemos debater o tema com a pesquisadora Temple Grandin, uma das maiores autoridades mundiais no assunto.

Temos sido acionados de forma urgente para dar soluções de contenção e manejo na chegada do gado ao curral dos grandes frigoríficos que exportam para a Europa, onde passou a ser obrigatório o cruzamento de dados do brinco de identificação com a documentação fornecida pelo produtor, atestando a inserção e as práticas de sanidade e manejo dentro nas normas de rastreabilidade do Sisbov.

Sem modéstia, nos sentimos à altura para corresponder às expectativas quando acionados por criadores e frigoríficos para gerar soluções que agreguem valor ao negócio de cada um.

A Beckhauser conta hoje com uma equipe diferenciada para tratar com o mercado produtor e com o meio acadêmico com os olhos de quem vive no campo e sabe enxergar e entender os problemas para desenvolver soluções inovadoras que surpreendem pela ousadia e pelo pioneirismo.

Boa leitura e um excelente 2008!

José Carlos Beckheuser

A CARA DA BECKHAUSER

Ademir Custódio da Costa



*Data de nascimento: 01/10/1977.
Local: Campo Grande, MS.
Casado com Lúcia Lenim da Silva e pai do Pedro Vítor.*

Depois de servir ao Exército, Ademir foi trabalhar na construção da sede da fazenda Toca da Anta, em Ribas do Rio Pardo (MS), de Eduardo Nascimento Oliveira. Waldemar Mazine estava montando um tronco Beckhauser na mesma propriedade e Ademir foi escalado para ajudá-lo.

“Comecei a perguntar como era o trabalho e se a Beckhauser precisava de gente na região. Logo estava em Paranavaí fazendo o curso de formação de técnico e, um mês depois, comecei a montar troncos”, lembra-se.

Há oito anos Ademir instala troncos de contenção e balanças (mecânicas e eletrônicas) em todo o Mato Grosso do Sul. “Faço o que gosto. Gosto de fazenda, desse ambiente”, diz. “E a cada ano melhora mais, com os novos produtos que Beckhauser lança.”

Ademir lembra uma vez em que atravessou o Pantanal duas vezes para fazer uma montagem. “Peguei a balsa em Corumbá (MS) e desci o rio Paraguai por dois dias e meio”, conta. Na volta, foram 22h de viagem por dentro de fazendas. “Abri pelo menos 49 porteiros”, afirma.

Ademir faz questão de registrar o quanto é grato a Eduardo Oliveira, proprietário da Fazenda Toca da Anta, e a José de Aguiar, gerente da propriedade. “Foram eles que me deram a primeira oportunidade, e por isso consegui chegar onde estou hoje.”

EXPEDIENTE

Jornal **BECKHAUSER** é uma publicação da Irmãos Beckheuser e Cia Ltda.

Av. Heitor Alencar Furtado, 2985 CEP 87711-000 Paranavaí - PR fone: 0800449002 fax: 44 34211010
www.beckhauser.com.br tronco@beckhauser.com.br

Diretor Administrativo: **José Carlos Beckheuser** • Diretor de Produção: **Celso Ottersbach**
• Diretor de Desenvolvimento: **Antônio Beckheuser** • Diretora Financeira: **Claudete Terezinha Soletti Beckheuser** • Coordenador Técnico: **Renato dos Santos** • Gerente de Comunicação: **Mariana Soletti Beckheuser** • Jornalista Responsável: **Rafael Fernandes**

Periodicidade: bimestral Tiragem: 6200 exemplares. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores

CASTRAÇÃO DEPENDE DO MANEJO

Diferenças na forma de criação podem influenciar no resultado final

A castração na pecuária de corte é um dos problemas mais controvertidos do manejo. As dúvidas mais frequentes são sobre sua necessidade ou não, melhor idade, época e método mais eficaz. A discussão aumentou nos últimos dez anos, por causa das mudanças na qualidade do acabamento do gado.

Várias pesquisas já estudaram a dor e o estresse a que o animal é submetido na operação. Alguns estudiosos dizem não haver evidências que esses traumas são menores em animais mais novos. Além disso, o uso de medicamentos para minimizar essas conseqüências nas 12 horas seguintes à castração aumenta o custo do processo.

Quando a castração é feita pela secção transversal do ápice do escroto, conhecida por tampão, há mais exposição de estruturas nervosas e vasculares, aumentando o risco de hemorragia. Como é feito um corte no sentido contrário às linhas de tração do tecido escrotal, a dor aumenta consideravelmente.

PARA MINIMIZAR A DOR

Quando a castração é feita com dois cortes longitudinais, a dor e o risco de hemorragias e outras complicações são reduzidos. Para que essa prática seja bem conduzida, a contenção é de suma importância, pois minimiza as chances de acidentes e outros possíveis problemas.

Como os animais inteiros são menos dóceis, a idade mais conveniente para o abate dos bovinos não-castrados, de modo a evitar queda na qualidade da carne, é de 16 a 18 meses, não ultrapassando os dois anos.

Antes de castrar o rebanho, porém, o produtor deve verificar se essa é a melhor prática para seu tipo de criação. Algumas pesquisas já mostraram diferenças significativas entre a produção de animais inteiros e castrados sob diferentes situações.



divulgação

Antes de castrar, o produtor deve verificar se essa é a melhor prática para seu rebanho

A análise da conformação física de bovinos permitiu verificar que a castração causa:

- Pequena, mas significativa redução no desenvolvimento dos ossos dos quartos dianteiros e aumento dos ossos traseiros;
- Maior altura de cernelha;
- Hipertrofia dos músculos do pescoço e maior acúmulo de gordura no abdômen;
- Melhor qualidade de carcaça.

Por outro lado, não-castrados têm:

- Ossos longos menores;
- Melhor conversão alimentar, maior crescimento e melhor taxa de ganho de peso em pastagens de qualidade nutricional elevada;

- Em valores percentuais, uma conversão alimentar entre 9,5% e 28,8% maior, desenvolvimento de 12,3% a 24% mais rápido e 38,6% mais ganho de peso, com rendimento de carcaça semelhante aos castrados;

- Carcaças com mais carne vermelha comerciável e menos gordura;
- Em experimento controlado, mais músculos e menos gordura;
- Em média, 12% mais contra-filé.

Fontes: Pereira (1977); Stafford e Mellor (2005); Rollin (2003); Pádua (2003); Silva (2000 e 2003); Moura e Luchiari Filho (1996); Seideman (1982); Cosgrove (1996); Warwick (1970).



PINTURA NA CARROCERIA

Pintar o interior da carroceria dos caminhões boiadeiros na cor branca é um modo simples de facilitar o embarque do gado. A prática já foi comprovada pelo Etco (Grupo de Estudos em Etologia e Ecologia Animal, da Unesp de Jaboticabal, SP). Ela respeita a característica da visão do bovino e sua percepção em relação às cores e diferenças de claridade.

O branco no interior dos caminhões diminui as variações de luminosidade entre as tábuas da carroceria e a luz exterior, atenuando sombras e diferenças de cor. Como o bovino enxerga sombras e contrastes entre claro e escuro como buracos, essa atenuação faz com que ele entenda melhor o ambiente e não fique com medo.

O gado sempre caminha em direção à luz. Se a carroceria for clara, o rebanho não terá problemas de embarque.

Ao entrar com mais facilidade no caminhão, o bovino sofre menos com o estresse e a necessidade de agressão é bastante reduzida, deixando a carcaça menos exposta a lesões.



arquivo

Fonte: Revista DBO, nº 323, set/2007

DETALHE EM DESTAQUE

Qualidade depende de gente

Em palestra no Brasil, Temple Grandin, uma das maiores autoridades mundiais em bem estar animal, afirmou que a solução dos problemas de manejo em frigoríficos e fazendas se devem 50% a melhorias em infra-estrutura. Os outros 50%, segundo a pesquisadora, dependem exclusivamente de pessoas.

A Beckhauser aplica essa fórmula. Desde a década de 1990, a empresa se destaca como inovadora e de vanguarda na área de contenção, controle e pesagem animal. Hoje, tem uma variada gama de soluções, cada uma voltada para um tipo diferente de manejo.

Para que as soluções realmente se convertam em ganhos de produtividade e em economia para a fazenda, a informação sobre o uso correto do equipamento tem que chegar a quem está no dia-a-dia do manejo. Por isso a Beckhauser se preocupa com o treinamento de seu pessoal e investe na

formação da equipe interna, dos técnicos autônomos que prestam serviço no campo e na rede de representantes comerciais.

A equipe de vendas precisa estar cada vez mais preparada para identificar a necessidade do produtor e indicar a solução mais adequada para que ele obtenha os melhores resultados no manejo de sua criação.

Além de preparar técnicos e vendedores, a Beckhauser investe em iniciativas para levar informação e capacitação diretamente àqueles que estão no campo, como forma de contribuir para o aprimoramento da pecuária brasileira. O trabalho de treinamento em fazendas, eventos, universidades,



Treinamento de equipe de vendas em Paranavaí (PR)

feiras agropecuárias e associações, realizado pelo médico veterinário e consultor da empresa Renato dos Santos, faz parte do propósito da Beckhauser de ser uma empresa preocupada em divulgar os conceitos de manejo racional e bem estar animal para o fortalecimento da cadeia nacional da carne.

O QUE DIZ A LEI

Garantir a saúde do trabalhador é obrigação legal

O trabalho rural deve obedecer às regras da NR (Norma Regulamentadora) 31. Mais do que fornecer água potável aos funcionários, o patrão deve informar sobre os riscos que podem ocorrer na atividade, bem como implantar medidas para reduzi-los.

A responsabilidade é compartilhada. A regulamentação estabelece que é dever do trabalhador colaborar na aplicação das normas e das prescrições sobre segurança e saúde, trabalhar de forma segura e adotar as medidas de proteção determinadas pelo empregador (em conformidade com a NR 31).

O empregador deve implementar ações para prevenir acidentes e doenças causadas no local de trabalho. É obrigatório promover a saúde e a integri-

dade física dos trabalhadores e implantar campanhas de prevenção de acidentes e doenças decorrentes do trabalho.

Além disso, o estabelecimento rural deve ter material de primeiros socorros, de acordo com as características da atividade desenvolvida.

Quando houver mais de dez trabalhadores, um deverá receber treinamento para agir em caso de acidentes. Todos devem ser encaminhados a órgão de saúde para prevenção de doenças existentes na região e aplicação de vacina antitetânica.

COM ANIMAIS

A NR 31 atenta para o trabalho com animais. Deve ser garantida, quando necessária, a imunização dos trabalhadores em contato com animais. As

doenças mais comuns transmitidas por animais e insetos são: brucelose (por bovinos), raiva, tuberculose (pelo leite), leptospirose (por roedores), histoplasmosose, leishmaniose e doença de Lyme (lesão cutânea transmitida por carrapato).

Os trabalhadores devem receber orientação sobre as formas e locais corretos de aproximação, contato e imobilização dos animais, como fazer a higienização pessoal e do ambiente após o trato e como reconhecer as doenças. Consulte um veterinário ou um agente de saúde sobre como evitá-las.

Quando houver contato com secreções, excreções e restos de animais, a empresa rural deve fornecer desinfetantes e água para a higienização do local e dos funcionários.